



Vol. 16, nº 1 (2019)

**A FACE DA SOLIDÃO EM A *DESUMANIZAÇÃO*, DE VALTER HUGO MÃE**

\*\*\*

**THE FACE OF SOLITUDE IN *DEHUMANIZATION*, BY VALTER HUGO MOTHER**

Polyana Sampaio da Silva Scrimim<sup>1</sup>

**Recebimento do texto:** 22/02/2019

**Data de aceite:** 30/04/2019

**RESUMO:** Este artigo propõe a discussão de aspectos relacionados ao estado de solidão vivenciado por Halldora, protagonista do romance *A desumanização* (2014), de Valter Hugo Mãe. A morte de sua irmã gêmea, Sigridur, determina os rumos de sua vida e de toda família. Além da semelhança que remete a todo momento daquela que se foi, a garota ainda é preterida por todos ao seu redor. Este fato desencadeia suas memórias infantis e permite a descoberta de um universo alheio ao que vivia, expondo uma inegável sutileza contida na solidão. Mikhail Bakhtin e Karl Erik Scholhammer são os principais teóricos que sustentam esta breve análise.

**PALAVRAS-CHAVE:** Solidão; Memória; *A desumanização*.

**ABSTRACT:** This article proposes the discussion of aspects related to the state of loneliness experienced by Halldora, protagonist of Valter Hugo's novel *The Dehumanization* (2014). The death of his twin sister, Sigridur, determines the direction of his life and of all family. Beyond the resemblance that bears all the time to the one that is gone, the girl is still neglected by everyone around her. This unleashes his childhood memories and allows the discovery of a universe unrelated to what he lived, exposing an undeniable subtlety contained in loneliness. Mikhail Bakhtin and Karl Erik Scholhammer are the leading theorists who support this brief analysis.

**KEYWORDS:** Loneliness; Memory; The dehumanization.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL) pela Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, *Campus* de Tangará da Serra – [polyanascrimim@hotmail.com](mailto:polyanascrimim@hotmail.com)



## Introdução

A literatura é um canal que conecta o ser humano aos múltiplos temas que evidenciam sua própria complexidade, é um material que suscita discussões referentes a sua natureza extraordinária. Um tema, a princípio banal, um cenário e algumas personagens exigem uma organização, um modo de dizer que desperte fascínio e proponha ao leitor, assim, o exercício dessa reclusa atividade. Ele o realiza sem talvez se dar conta do porquê de sua ação, de sua dedicação, seduzido por uma tarefa que o desloca de um convívio comum, físico, material, mas que insere-o em um novo, proporcionando inconscientemente uma satisfação na busca por compreender a força de sentimentos indissociáveis do seu ser nas mais diversas fases da vida.

A solidão carrega a definição de princípio do descontentamento humano, posto que entende-se como natural a necessidade dele em estar sempre rodeado por seus semelhantes, fazendo disso uma prática quase que automatizada. Ser feliz é ser com o outro. As religiões de todos os credos, detentoras de sua própria literatura, preconizam nos seus mais variados segmentos a vida em comunidade como essencial, a necessidade de um deus, uma família, a vida com e pelo outro. Estar só é um mal, conceito que define o destino humano como uma eterna procura por complementos, ocupações, sejam eles pessoas ou coisas. Falar em solidão suscita negatividade, melancolia e logo, equivocadamente, evita-se tal discussão.

O contato com a obra *A desumanização*, escrita por Valter Hugo Mãe, escritor português, nos leva a confirmar a ideia de que o romance compreende verdadeiramente o registro da arte do realizável, a ficção como espaço de liberdade, do tornar-se. Nele as possibilidades são ampliadas,



arrisca-se, experimenta-se, diz-se o indizível e faz-se o impossível. Os vínculos familiares anulam seus pares, as almas gêmeas se sufocam e a busca natural pelo outro e sua completude transforma-se em isolamento.

Valter Hugo Mãe materializa nas páginas de seu romance as reflexivas divagações de uma menina de onze anos que perde sua irmã gêmea. Halldora, ou Halla como também é chamada, expõe as memórias da sua infância e o presente luto que alicerçam a narrativa bastante singular de uma família que não supera a perda de um de seus membros, o que afeta diretamente o futuro daqueles que ficaram, especialmente da protagonista que passa a conviver com a rejeição da mãe e de toda a cidade onde vive. A narrativa é construída sob a perspectiva da gêmea *menos morta* (Mãe, 2014), que descreve sua até então forte ligação com a irmã. Halla e Sigridur eram *crianças espelho* (Mãe, 2014), no entanto idênticas apenas por fora, e a partida de uma faz com que as diferenças entre elas sejam reveladas. Halla era o rosto de Sigridur que restou, e ela, que sempre se reconheceu como alguém que desde o ventre materno esteve acompanhada, descobriu-se sozinha, não apenas no luto, mas percebeu que desde o princípio foi somente ela e que seu estado de solidão atual nada mais era que suas ações genuínas, sem a sombra da irmã.

Partindo de trechos dessa obra de Valter Hugo Mãe como referência, este artigo propõe a discussão de aspectos relacionados ao estado de solidão vivenciado por Halldora, protagonista do romance. A morte de sua irmã gêmea, Sigridur, determina os rumos de sua vida e de toda família. Além da semelhança que remete a todo momento daquela que se foi, a garota ainda é preterida por todos ao seu redor. Este fato desencadeia suas memórias infantis e permite a descoberta de um universo alheio ao que vivia, expondo



uma inegável sutileza contida na solidão. Mikhail Bakhtin e Karl Erik Scholhammer são os principais teóricos que sustentam esta breve análise.

### **Arte das possibilidades**

O romance de Valter Hugo Mãe nos coloca diante de situações um tanto quanto díspares para o leitor contemporâneo. Ele nos insere nas gélidas paisagens da Islândia e apresenta um romance expresso pela grandiosidade do espaço e dos acontecimentos. Da exuberante geografia, até a linguagem suave, vemos a exaltação do silêncio e da solidão, a narrativa traz o exagero do local, do sentir e a intrincada tarefa de compreendê-la.

A *desumanização* (2014) compõe o quadro de romances chamados contemporâneos, definição ainda em debate mediante a variação de temas, estruturas e características das produções desse período. Na busca por um conceito, Scholhammer (2009) explica-nos que:

o verdadeiro contemporâneo não é aquele que se identifica com seu tempo, ou que com ele se sintoniza plenamente. O contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo. Por não se identificar, por sentir-se em desconexão com o presente, cria um ângulo do qual é possível expressá-lo. Assim, a literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica que a faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente que se afastam de sua lógica. Ser contemporâneo, segundo esse raciocínio, é ser capaz de se orientar no escuro e, a partir daí, ter coragem de reconhecer e de se comprometer com um presente com o qual não é possível coincidir. (SCHOLHAMMER, 2009, p. 9-10)

Anacronicamente o romance de Mãe capta seu tempo, onde todos se encontram rodeados e sós simultaneamente, isso reproduzido em um local remoto e muito peculiar. Seu ângulo é preciso, pois identifica a natureza



solitária da humanidade, que luta contra essa condição para se manter como uma espécie. Essa reflexão nos proporia que a temática da solidão, se assim for, não caberia como algo novo a ser discutido, porém o que devemos considerar é o fato da proposta do escritor em perceber e transcrever essa ideia de modo singular como faz. A forma como ele revisita o tema, sua abordagem, o coloca como contemporâneo apesar de uma aparente repetição. Esse ângulo de expressão pode ser identificado na escolha do espaço geográfico para sua narrativa, na vida e características das personagens e seus pensamentos tão alheios ao resto do mundo. O caminho que o autor escolhe capta uma essência atual que se dilui em um ambiente aparentemente inexistente. Poderíamos completar este pensamento novamente com a fala de Scholhammer (2009), quando este expressa que:

De um lado, haveria a brutalidade do realismo marginal, que assume seu desgarramento contemporâneo, e, de outro, a graça dos universos íntimos e sensíveis, que apostam na procura da epifania e na pequena história inspirada pelo mais dia, menos dia de cada um. (SCHOLHAMMER, 2009, p.15)

Não haveria uma tendência clara para a definição do contemporâneo, como nos aponta Resende (2007). Contudo, assim como os temas que chamamos universais não deixam de ressurgir a cada geração, o romance de Mãe traz essa pequena-grande história para compor o grupo das grandes obras deste cenário literário em construção.

Na composição de sua obra, Mãe opta por um narrador personagem. Halla conta-nos sob sua perspectiva os fatos ocorridos após o a morte de sua irmã, não se dissociando da constante visita ao passado com as memórias de sua infância. Uma expectativa ainda maior cria-se considerando uma narração sem um intermediário, sem o narrador em terceira pessoa que



criaria uma conexão entre personagem e leitor, este que espera uma minuciosa e verdadeira descrição.

Segundo Bakhtin (1990):

A ação do herói do romance é sempre sublinhada pela sua ideologia: ele vive e age em seu próprio mundo ideológico (não apenas num mundo épico), ele tem sua própria concepção do mundo, personificada em sua ação e em sua palavra. No entanto, por que não se pode descobrir a posição ideológica do personagem e o mundo ideológico que está em sua base, em suas próprias ações e unicamente nelas, sem precisar se representar seu discurso? Não é possível representar adequadamente o mundo ideológico de outrem, sem lhe dar sua própria ressonância, sem descobrir suas palavras. (BAKHTIN, 1990, p.137)

A linguagem romanesca não apenas representa os discursos sociais e as ideologias, mas os dispõem de maneira a provocar a reflexão, permitindo ver até em uma mesma fala uma contraposição ideológica. O romance proporciona aos intérpretes uma crítica às ideologias e ao pensamento absoluto. O seu narrador tem o princípio da coletividade e transporta as ideias de um ser solitário, mas com uma história tão singular que não poderia deixar de ser compartilhada com o leitor. Sem ele seria impossível olhar diretamente para a realidade, ela nos petrificaria. O romance surge como gênero essencialmente metalinguístico que procura a si mesmo sempre, pensa sua forma. Em *A desumanização (2014)* temos a narração sob a ótica de uma criança, personagem que define-se física e ideologicamente a medida que narra suas memórias, revelando-nos uma forma de aproximação da natureza humana através do pensamento.

Ao optar por uma narrativa em primeira pessoa, Mãe, além da inegável atmosfera solitária, afirma a orientação individualista do romance, “cujo critério fundamental era a fidelidade a experiência individual”



(WATT, 2010, p.13). A poética do romance moderno seria a experiência pela ação que gera a consciência, o que “o diferencia dos outros gêneros e de formas anteriores de ficção pelo grau de atenção que dispensa a individualização das personagens e à detalhada apresentação de seu ambiente” (WATT, 2010, p.13).

### Ser só

A análise aqui proposta se baseará em algumas cenas que se considerou a presença intensa do sentimento de solidão na personagem principal, isso com base na sua narração e as reflexões expostas ao leitor. Busca-se discorrer sobre a peregrinação solitária de Halla no pequeno universo ao qual pertencia, rumo à decadência por conta da morte da irmã e impossibilitada, como se encontrava, de solucionar o problema de toda sua família.

Poderíamos afirmar, tomando os fatos da narrativa de modo mais superficial que o romance *A desumanização* (2014) é uma obra que fala sobre o luto, a dor daqueles que ficam e o processo de superação (ou não) dessa situação. De fato, isso pode ser abordado, mas não somente. Todo o texto, desde a sua primeira linha, traz a solidão como tema sustentador da obra. A morte, fato que desencadeia toda história pela perspectiva da protagonista e narradora Halldora, apenas desvelou sua sina e de todo povo que a cercava.

O título nos propõe, antes de tudo, refletir sobre o que caracteriza o humano, essa forma animal tida como racional, repleta de emoções e que (deveria), guiado por sua razão, e não instinto como nos demais seres, age sempre para o bem daqueles que se assemelham a ele. Contudo, se temos



como título a *desumanização*, palavra formada inicialmente pelo prefixo *des*, que possui o sentido de ausência, privação ou afastamento, podemos supor que o romance apresentará o processo que leva até o contrário daquilo que chamamos de humano.

Halla se reconhecia, enquanto ser humano, como parte de sua irmã gêmea, não havia, para ela a noção de dois seres distintos. Sigridur precisava estar ali ao seu lado, era sempre ela a melhor, o lado bom:

Perguntei-lhe se dizermos o nome de Sigridur era manter-lhe a beleza, como manter-lhe a vida. Ele respondeu que sim. Era exatamente isso. Eu tive vontade de dizer o nome da minha irmã em voz alta. Era muito bela a minha irmã. Tinha o nome mais sonante e podíamos evocar dela o mais delicado azul dos olhos e a mais esperta maneira de ser criança. Estava, subitamente, viva. Ainda que as palavras fossem objetos magrinhos, mais magrinhos do que eu. Era como se a minha irmã nos assomasse à boca. Quase inteira. Abríamos a boca e ela estava lá. Estava em todo lado. Uma mentira passageira (MÃE, 2014, p. 42-43)

Para Halla, a irmã era bela, seus olhos teriam a mais delicada cor, mesmo que as duas tivessem os mesmos traços físicos. Halla não se via, quem sempre existiu foi Sigridur. O desejo em evocar o nome da irmã denota o anseio em tê-la presente novamente, como se não fosse possível haver uma sem a outra. Era preciso, agora, perceber-se e elaborar seus próprios conceitos, decisões e até mesmo sua imagem pessoal. Era preciso materializar-se. Em outra passagem a narradora diz:

Eu sobrava. Não tinha o caráter da minha irmã. Percebia isso cada vez melhor. Seguir-a sempre. Ela, cheia de ideias e inspirações. Eu, oca, uma existência pela rama, a ganhar conteúdo pelo fascínio que ela exercia sobre mim. Não era nada a metade valiosa da nossa vida. Eu era a metade fraca. Teria sido apenas justo que eu morresse em troca dela. Toda a maravilha que se queria das crianças estaria contida na





**Vol. 16, nº 1 (2019)**

Sigridur. Que nunca amaria o Einar. Ficaria empedernida, se fosse preciso, a fabricar um príncipe encantado que a quisesse e que dignificasse a povoação. Ela seria capaz de tudo. O seu sonho concebia tudo e todas as espertezas. O meu era apenas um modo rudimentar de a imitar. Pensei em muitas ocasiões que não éramos gêmeas. Pensei que ela era genuína e eu apenas uma imitação (MÃE, 2014, p. 159-160).

Halla via-se como um ser genérico, uma parasita que tinha a irmã como fundamental fonte de vida. Com Sigridur ela sobrava, porém não havia, antes da morte da irmã, tomado noção disso. O momento era de renascimento. Uma Halla nascia quando a irmã gêmea morreu. Um ser que, mesmo com um pouco mais de uma década de vida, deveria traçar suas concepções até então inexistentes ou imperceptíveis por conta do protagonismo da sua então outra metade. O que Sigridur não aceitava era substituído, até mesmo inventado e a irmã apenas a seguia sem tomar consciência de seus próprios pés. Todas essas constatações passaram a rodear Halla que até então se sentia preenchida pela presença da irmã. Os outros não existiam, a cidade não se perturbava com seus julgamentos, no entanto a prematura partida de sua companheira fez com que a narradora tomasse consciência de tudo que ela não era por conta da irmã.

Halla aprendeu que havia a necessidade do outro, e em seu caso o outro seria Sigridur, sua irmã. Essa necessidade não se definiria apenas como o conceito comum a qual estamos acostumados seria, de fato, algo de dependência. A falta dela e a tomada de consciência de sua condição agora solitária a perturbava constantemente. Ela menciona:

Sobre a beleza o meu pai também explicava: só existe a beleza que se diz. Só existe a beleza se existir interlocutor. A beleza da lagoa é sempre alguém. Porque a beleza da lagoa só acontece porque a posso partilhar. Se não houver ninguém, nem a necessidade de encontrar a beleza existe e nem a lagoa será bela. A beleza é sempre alguém, no sentido em que ela se



concretiza pela expectativa da reunião com o outro. (...) Sem um diálogo não há beleza e não há lagoa. (MÃE, 2014, p.27)

Pode-se, é claro, concordar com essa definição, afinal, a humanidade jamais foi só, sempre existiram grupos, pares, o coletivo, no entanto, no caso de Halla, talvez pelo fato de sua situação binária com a irmã, essa relação com o outro era de uma intensidade fora dos níveis adequados para uma percepção de si e depois do outro. A menos morta, a que restou também cria agora que não havia beleza, pois até então esta foi compartilhada com sua irmã. Não ter com quem dividir os sentidos mais básicos ia aos poucos a transformando. Até então, com Sigridur, tudo parecia correto e com possibilidade de um futuro, sem ela, nem mesmo o que seus olhos captavam poderia dar-se como real:

O inferno não são os outros, pequena Halla. Eles são o paraíso, porque um homem sozinho é apenas um animal. A humanidade começa nos que te rodeiam, e não exatamente em ti. Ser-se pessoa implica a tua mãe, as nossas pessoas, um desconhecido ou a sua expectativa. Sem ninguém no presente nem no futuro, o indivíduo pensa tão sem razão quanto pensam os peixes. Dura pelo engenho que tiver e perece como um atributo indiferenciado do planeta. Perece como uma coisa qualquer. (MÃE, 2014, p. 12)

A cada conceito exposto pelos que estavam com ela, reforçava-se a ideia de necessidade de Halla em relação a Sigridur. Sem a irmã ela via-se animalesca, desorientada e sem consciência ou certeza na tomada de suas mais simples decisões. Hiperbolicamente a desumanização se faz, segundo o texto, não só na ausência do outro, mas antes disso na falha ao não notar-se como ser único e genuinamente solitário. A noção de que não poderemos nos completar, ou que talvez não haja essa necessidade, precisa estar clara e ser constantemente lembrada, para que eu queira o outro, sua convivência e



parceria, no entanto que isso não me anule, não faça com que a vida do outro seja também a minha. Mesmo quando Sigridur é *plantada*, posta na terra como uma semente, há o desejo de que ela germine e, ainda que lançada ao solo, na escuridão daquele ambiente, exista a tentativa de viver em meio aos outros seres.

Os pais das meninas também eram sós:

A minha mãe, que de enferma, seguia para uma tristeza mortal sem regresso, juntou-se a nós, sempre calada, tomando a mão do marido igual a apertar uma algema. Havia na imagem desolada do casal uma resignação qualquer. Do corpo de um chegava ao outro a energia única. Percebi surpresa que eram unos, mesmos, súbita e finalmente comungando de tudo como quem chegara a uma decisão, a uma conclusão. Fiquei tão incomodada quanto comovida. Só um afeto maduro poderia resultar na cumplicidade que mostravam. Trancados igualmente por dentro. Num escuro, como se olhassem para dentro deles próprios (MÃE, 2014, p. 98).

Eles eram unidos, um do outro, mas cada um possuía seu universo particular e solitário internamente, o que Halla estava encarando apenas agora após a morte de sua irmã. Não foi algo simples, pois até mesmo sem a presença física de Sigridur, sua alma foi dada como responsabilidade de Halla, ela deveria abrigá-la e conseqüentemente ainda passar a agir como a outra, sem considerar até mesmo suas necessidades mais primárias:

A minha irmã gostava de doces e eu odiava. Talvez as pessoas se esforçassem por me convencer a comer doces para consolar a alma dela. Talvez pudesse passar a gostar de *snudurs*, se a Sigridur estivesse verdadeiramente posta dentro de mim. Quando experimentei, igualmente odiei, e a ausência da minha irmã apenas aumentava. Eu dizia que o açúcar me vinha como sangue à língua. (MÃE, 2014, p.10)



Ao afirmar seu desprezo por doces, podemos arriscar dizer que Halla, no momento de sua narração já se deu conta de como é particularmente diferente da irmã que se foi. Ela poderia estar até disposta a se adequar aos comandos que beneficiariam a falecida irmã, porém seu conceito de indivíduo estava se formando.

Além das lições pautadas em suas reflexões, Halla também ouvia muito aqueles que a cercavam. Os conselhos vinham como regras a serem seguidas a longa prazo, para todo percurso futuro do destino que a garota ousasse escolher. Diziam-lhe:

Quando fugires, toma cuidado. Está para lá das nossas pessoas um tempo de profunda maldade. Eu perguntei: o fim do mundo dos homens. Ele disse que sim. Uma maldade oficial, aquilo de se fazer o que se pode e que é tão diferente do que se deve. Quando fugires, minha querida Halla, terás de parecer menos uma pessoa, porque as pessoas estão a acabar. Foram embora para dentro da memória. Foram-se ressentidas. Agora são apenas uma recordação, como serão também uma possibilidade. Mas não imediatamente. Este tempo é outro. Serve para matar. (MÃE, 2014, p.98)

Parecer menos uma pessoa foi a estratégia apresentada a Halla para sobreviver, pois com o suposto término das pessoas há que se ajustar ao novo padrão, coisa que a menina sabia desde muito cedo quando desumanizou-se para ser a sombra de outra. A insatisfação que atinge nossa protagonista demonstra-se presente desde o começo de sua vida, porém podemos perceber que nem ela mesma se percebia como alguém com gostos, opiniões e desejos únicos. Ela sempre fez o que Sigridur sugeria, tudo era baseado em suas escolhas e depois de sua morte isso foi desconstruído. Ficamos sabendo que a condenação a uma rotina solitária foi determinada muito antes da própria personagem imaginar o que essa condição o levaria a fazer. As semelhanças forçadas entre as irmãs eram



exageradas, elas buscavam ser iguais em tudo, estar sempre juntas, sendo cada vez mais uma só personalidade:

Estávamos furiosamente habituadas a cair e a esfolar os joelhos e as mãos quando fugíamos do Einar. Comparávamos as feridas. Queríamos ter as feridas iguais. Quando tínhamos as feridas iguais até ficávamos felizes. Como se o Einar nos fizesse o mesmo mal. [...] O mercúrio tingia-nos a pele e queríamos que fosse também o mesmo o tamanho da ferida. Como se pintássemos os joelhos com vaidade semelhante às mulheres que pintavam os lábios. Era fundamental que fôssemos cada vez mais gêmeas. Que se notasse. Que tivéssemos um destino comum, que estivéssemos sempre juntas. Namorar, expliquei, assusta-me. Porque vamos namorar sozinhas. Queria dizer que namoraríamos separadas (MÃE, 2014, p. 34-35).

A afirmação de que estavam habituadas a tais atividades remete ao impulso que sempre as condicionou a tarefas dessa natureza. Talvez a família, o local e a cultura onde cresceram, ou até mesmo pela autoridade de uma criança sobre a outra poderiam ser os responsáveis por esse molde que colocava dois seres em apenas um espaço.

Mas como tomamos a consciência de solidão intrínseca ao nosso ser? Que situações nos levariam a esse aprendizado? Supomos que esta seja uma condição que se revela minuciosa e calmamente ao longo de cada ano da vida. No caso de Halla, isso aconteceu apenas após a partida de Sigridur, já que uma sempre esteve atada a outra. Conforme a própria protagonista:

Aprender a solidão não é senão capacitarmo-nos do que representamos entre todos. Talvez não representemos nada, o que me parece impossível. Qualquer rasto que deixemos no eremitério é uma conversa com os homens que, cinco minutos ou cinco mil anos depois, nos descubram a presença. Dificilmente se concebe um homem não motivado para deixar rasto e, desse modo, conversar. E se houver um eremita assim, casmurro, seguro que terá pelo chão e pelo céu uma ideia de companhia, espiritualizando cada elemento como quem



**Vol. 16, nº 1 (2019)**

procura portas para chegar à conversa com deus. Estamos sempre à conversa com deus. A solidão não existe. É uma ficção das nossas cabeças. (...) Os homens sós percebem que há alguém na água, na pedra, no vento, no fogo. Há alguém na terra. (MÃE, 2014, p.13)

É exatamente nesta passagem que sentimos quão intensa é a vivência de alguém que aceita sua posição solitária. Seu olhar é acurado, o que torna o captar de sensações completo, incapaz de deixar escapar o menor detalhe. Sente-se também que há muita leveza na vida de um ser sozinho, leveza adquirida e purificada pela análise rigorosa daquele que tudo capta, pois não há intensidade apenas na apreciação de atos positivos, mas também naqueles repugnantes, e por conta dessa habilidade, mesmo sendo poucos, há quem, assim como Halla, deseje estar só e faça dessa condição algo fora das trágicas histórias de vida repletas de melancolia. Junto a noção de ser só, há a luta que inconscientemente travamos contra essa condição, cria-se então novos seres para quando estivermos sós, criam-se deuses. A forma como a cena é descrita contrasta o silêncio e a delicadeza do momento com o turbilhão de emoções que a personagem luta para combater. Somos transportados para um ambiente sem tumulto, sem agitação, um local ideal para estar apenas com nossos pensamentos. Halla passa a refletir sobre todas as suas vivências até ali, as marcas deixadas por elas e quem sabe comparando-se com aquela imagem vista em Sigridur, uma beleza que não se consegue recuperar.

### **Considerações finais**

O sofrimento do luto, a solidão e a violenta frieza da mãe se misturam com a paisagem inóspita da gélida Islândia e, somados à narração



lírica e melancólica de Valter Hugo Mãe, em que o desamparo dos personagens é superado por uma compreensão sublime e bela de sua condição, transformam esta obra em um primor da literatura contemporânea

O protagonista substituiu o herói clássico o que gera configuração da individualidade, pois a história dele diz respeito unicamente a ele, solitariamente. Isso permite a contradição do conceito que define a incompatibilidade entre contentamento e solidão, uma vez que Halla mostra-se reflexiva, imersa em suas constatações, no entanto não se mostra infeliz. Ela busca, por meio das lembranças e conclusões, recuperar o tempo que perdeu sem entender-se. Nesse contexto surgem outros elementos também atados a essa condição que acentuam o conceito de que a obra é toda pautada neste sentimento. O cenário composto pelos fiordes, a cidade pequena e isolada, a crença nos elementos da natureza como deuses, a descrição de apenas um amigo, todos elementos isolados, próprios, particularmente únicos.

Com uma personagem sempre solitária, Mãe demonstrou a beleza de uma reflexão densa proporcionada apenas àqueles que têm a coragem de assumir-se companheiros de si mesmos em qualquer das circunstâncias, aqueles que fazem da sua solidão um desabrochar particular da alma, compreendem-na como constituinte do ser humano e nos confirma que as vezes o mal está no desejo de ter o outro por perto, apagando nossa própria existência, pois precisa-se assumir que é melhor estar só e completar-se, mesmo que apenas uma vez, do que ser rodeado de pessoas e perpetuar na tristeza. É preciso reconhecer a face da solidão e dar as costas para ela para então seguir seu próprio caminho.



Vol. 16, nº 1 (2019)

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

MÃE, Valter Hugo. **A desumanização**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

RESENDE, Beatriz. **Questões da ficção brasileira do século XXI**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

SCHOLHAMMER, Karl Eric. **Ficção brasileira contemporânea**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2009.

WATT, I. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

O conteúdo deste texto é de total responsabilidade da autora.